REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 783

30 DE SETEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foram dias cheios estes ultimos de setembro, grandes dias para reporters, que se fartaram de pedelar nos velocipes e de ouvir por esses arredores de Lisboa as machinas assobiando azafamadas. Os telegraphistas tambem não tiveram um só momento de descanço e poucas vezes os receptores fizeram tão continuadamente ouvir o seu tic-tac irregular. A policia coitada tem andado n'uma roda viva, e o indice dos apontamentos d'um chronista, com meia duzia de notas a cada capitulo, é obra feita.

Citaremos ao acaso da leitura, n'estes ultimos dias, dos jornaes superiormente informados.

1.º — *A' tout seignem, tout honneur*, ou no equivalente portuguez: A S. Ex.ª como a quem é. Claro está que, quando a policia anda na pista d'um criminoso e este continua envolto em misterios, como os dominós dos bailes lugubres do decantado romantismo, não ha equilibrio europeu, nem derrota de bœrs, nem morticinios na China, que levem a deanteira na grande corrida, ante os olhos esbogalhados dos mil espectadores da galeria. Por isso principiamos por nos referir ao crime do Barreiro, que, com o epitheto chamariz de *sensacional* em muito bom normando, occupa os mais importantes logares nas columnas dos jornaes. Um velho e uma velha assassinados e roubados, administrador de concelho e os sabios da policia n'uma roda viva, cartas anonymas, denuncias, prisões de suspeitos, boatos infundados, que mais é preciso? E o criminoso sabendo tudo o que se passa, e alguns malandros, com outro crime em vista, continuando o curso...

2.º — Noticias da Africa do Sul. O Presidente Kruger em Lourenço Marques, onde o numero de refugiados bœrs já passa de dois mil. Entre estes o general Pinadra, que commandou as tropas em Komati-Poort. Kruger embarcará n'um navio de guerra hollandez, que o transportará para a Europa. Velho e doente, não poude continuar a lucta. Portugal cumpriu o seu dever o que não obstou a que, fóra de todo o proposito, se visse infamemente insultado e accusado estupidamente. O Rei de Italia telegraphou á Rainha Victoria felicitando-a por haver terminado a guerra; mas no telegramma que, segundo se diz, Kruger enviou ao Papa, o antigo presidente do Transwaal ainda confia em Deus para o final triumpho do valente povo de cujo destino por muitos annos tomou conta. As ultimas noticias dão, porem, a lucta como prestes a terminar.

3.º — Noticias da China. Complicações. Mallogradas as tentativas de paz, diz um telegramma de Paris, vão entabolar-se negociações entre as potencias ácerca do procedimento que devem seguir. O governo de Berlim exige castigo rigoroso para os responsaveis dos assassinios de Pekim. Diz-se que o Vaticano tem feito diligencias junto do governo francez para que este mantenha as suas tropas na capital da China. Entretanto em Macáo e nas aldeias circumvisinhas reina perfeito socego.

4.º — Crise no Brazil. Suspensão de pagamentos em muitos bancos. Noticias aterradoras, logo felizmente seguidas d'outras que vieram diminuir muito os muitos pontos accrescentados. Caso grave entretanto. Medidas energicas do governo brazileiro, muito applaudidas.

5.º — Morte de Martinez Campos, o famoso general hespanhol, a quem tanto deveram os Bourbons na restauração do throno. A Rainha Maria Christina, querendo demonstrar a sua gratidão á memoria de quem tão grandes serviços prestou á causa de seu marido e de seu filho, ordenou por decreto que ao cadaver de D. Arsenio Martinez Campos fossem tributadas as honras funebres, que a ordenança determina para um capitão general do exercito que morreu na sede do seu commando; que se façam solemnes exequias; que em todas as egrejas se celebrem officios por sua alma;

GENERAL MARTINEZ CAMPOS — FALLECIDO EM 23 DO CORRENTE

que durante tres dias vistam de luto rigoroso todas as classes do Estado.

6.º — Grandes exercicios militares para exame de seis coroneis, realisados em Chelleiros e seus arredores, com a assistencia de muitos espectadores. Combates simulados. Almoço no campo no ultimo dia. Comparencia de Suas Magestades.

7.º — Anniversario da batalha do Bussaco, em que tamanhos prodigios obraram os exercitos alliados contra os veteranos francezes, commandados por Massena, que então levou uma das melhores lições de sua vida. Nem tudo rosas.

8.º — Chegada a Lisboa do Conde Canera di Salasco, embaixador extraordinario do rei de Italia, que vem notificar a El-rei de Portugal a subida ao throno de Victor Manuel III, de quem traz uma carta autographa. O sr. Conde de Canera di Salasco foi recebido no paço de Ajuda, no dia 28, ás duas horas da tarde, antes da recepção de gala. No dia seguinte realisou-se no paço um banquete offerecido ao enviado italiano.

9.º — Chegada ao Tejo da corveta americana *Lancaster*, barco antigo que varias vezes nos tem visitado.

10.º — Inauguração no Porto, para breve decididamente projectada, da estatua do Infante D. Henrique. O esculptor Thomaz Costa deve muito brevemente chegar para, juntamente com um empregado da casa fundidora Barbadienne, de Paris, dirigir os trabalhos da collocação da estatua. Depois será definitivamente marcado o dia da chegada da familia real. Haverá baile no Club. A presidencia da camara municipal ficou auctorisada, n'uma das ultimas sessões, a dispender o que fôr indispensavel para maior lustre das festas.

11.º — Anniversario de suas magestades, que ha dias partiram de Cintra para Cascaes. Recepção de gala no paço d'Ajuda. Partida para Cascaes da divisão naval, composta do navio chefe, couraçado *Vasco da Gama* e dos cruzadores, *S. Gabriel*, *S. Raphael* e *D. Carlos*. Partiu tambem para aquella bahia, associando-se á saudação, o cruzador russo, *Knrebriy*. Illuminações esplendidas. Telegramma de lord Roberts a suas magestades.

12.º — Festa da cidade continuanda em discussão e promettendo ser, nos proximos mezes de primavera, chamariz a Lisboa de boa parte da provincia.

13.º — O espiritismo dando volta ao miolo dos tripeiros, como já o fizera ao dos alfacinhas ha bons doze ou quinze annos. Uma portugueza com fama de ser o melhor *medium* dos tempos modernos. Escolhemos propositadamente o numero 13 para darmos conta do acontecimento. Enguiços vão bem de mãos dadas com bruxarias.

14.º — Realisação em Paris do grande banquete offerecido aos *maires* e que correu sem maior novidade para bimanes. O mesmo se não pode dizer para as dezenas ou centenas de quadrupedes, aves e peixes, victimas imbelles das voracidades administrativas.

15.º — Formidaveis trovoadas em Lisboa e em muitas terras da provincia, prejudicando muitissimo as vinhas, cujas vindimas estavam quasi todas atrazadissimas.

16.º — Chegada a Lisboa do Visconde de S. Luiz com a nova da vinda, este inverno, das maiores celebridades para o theatro D. Amelia: Duse, Réjane, Maria Guerrero, e varias companhias de opera comica com muitas estrellas que já veem despontando brilhantissimas. Repertorio escolhido. Duse e Réjane representarão *A casa da boneca*.

17.º — Chegada a Lisboa da excellente companhia, que, sob a direcção do emprezario Luiz Pereira, andou percorrendo com muito agrado algumas terras do Brazil.

*
* *

E por aqui ficarêmos. Indicámos apenas uns factos ao acaso, que, por um motivo ou outro, foram mais falados; qualquer dos leitores teve algum de maior importancia para a sua vida.

Foi o 18.º

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

A correr, muito a correr...

Chegámos ao tempo das despedidas; almoço ao meio dia com um abraço final a um amigo; jantar ás seis e meia com saude, para que faça muito boa viagem, a uma familia com quem nos démos muito; corrida até á estação para um ultimo aperto de mão cerimonioso a um alto fuccionario que nos obsequiou infinitamente...

Não ha tempo para mais nada. Parece que uma corneta misteriosa tocou a debandar aos portuguezes! Pois a exposição ainda está por um mez, ainda, todos os dias, desembarcam n'esses caes milhares de estrangeiros e de provincianos retardatarios.

A exposição encerra-se definitivamente no dia 5 de novembro. E' natural que por aqui me demore ate essa data. Confesso, porém, que já vou tendo saudades de Portugal e dos meus. Vae me invadindo um certo cançasso. A crise do Brazil tambem me não trouxe alegrias. Em Paris, digam o que disserem, é preciso gastar-se dinheiro. Mola real lhe chamam os portuguezes. Ora a crise...

Mais isso é comigo, não é com a exposição.

Mas a proposito... Tambem n'este negocio houve prejuizos, que parecem muito importantes. Sonharam-se riquezas fabulosas, os gerentes da exposição pintaram os resultados a obterem-se com côres tão lindas, que muitos cahiram n'uma verdadeira esparrela. Em vez de lucros houve importantissimas perdas. E agora começam os descontentes a falar alto, e fazer desordem, a prometter escandalos, a intentar acções em juizo. O desmanchar da feira, e como esta é a maior que houve no mundo, tirem-lhe a conclusão.

O que de mais importante houve n'estes ultimos dias foi o banquete dos *maires* muito annunciado, depois contrannunciado, e finalmente realisado com a assistencia do presidente da republica, que foi saudado na sua chegada, por uma multidão enorme. Viva Loubet! Viva a Republica!

Pequeninos incidentes, que se deram quando o sr. Max Régis, *maire* d'Argelia, pronunciava o seu discurso, não chegam a poder ser classificados como perturbadores da ordem.

Mas o que se comeu...! Só as toalhas, que enchiam aquellas mesas todas, tinham, juntas umas ás outras, muitos kilometros de comprimento. O vinho enchia a canalisação d'uma terra de provincia já menos má. Os bois que se mataram foram 250, faisões 2:450. De salmão devoraram-se dois mil kilos. O que tudo nos faz crer que a fome dos *maires* era de muitos dias e que cada um d'elles descende em linha recta de Portugal. Os dados que apontamos colhemol-os em jornaes francezes, que ás vezes parecem collaborados pelos nossos queridos *ermanos* hespanhoes.

A exposição foi visitada pelo principe Jorge da Grecia. Não falhou, no programma da recepção, como era de ver, um attentadosinho. Um antigo official, que trazia comsigo um rewolver deitou mão ás rédeas d'um dos cavallos, que puxava a carruagem. Foi logo preso e diz-se que é doido.

Falei aqui com o Visconde de S. Luiz, de quem me fui despedir á estação, e que me deu optimas noticias com respeito ao inverno theatral de Lisboa. Nem Paris o terá melhor. Lá veremos isso, se a crise nos não obrigar a um passeio provavel até ao Rio de Janeiro.

Na estação do caminho de ferro estava n'esse dia uma grande parte da actual, formidavel colonia portugueza de Paris, que ali se foi despedir n'essa occasião do sr. conselheiro José Luciano de Castro, que partiu de Paris muito melhorado de seus soffrimentos.

Veremos que surprezas nos reserva o final d'esta exposição. Andam tantos boatos no ar, que é de prever... o que ha de mais imprevisto.

Paris — 27 de setembro de 1900. *M. C.*

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL MARTINEZ CAMPOS

A Hespanha perdeu um dos seus homens mais eminentes, a quem deveu assignalados serviços e que maior lustre deu ás armas hespanholas.

O general Martinez Campos foi um valente; dedicado ao throno e que mais influiu com o seu braço e intelligencia para a restauração da actual monarchia, restituindo a D. Affonso XII a corôa que a revolução de 1870 tirára da cabeça de Isabel II, sua mãe.

A vida de Martinez campos é uma serie de victorias alcançadas nos campos de batalha, e as condecorações que lhe adornavam o peito foram justo premio de seus feitos d'armas.

Arsenio Marninez Campos y Anton nasceu a 4 de dezembro de 1832 em Segovia, e assentou praça em 1848.

Em 1852 foi promovido a tenente.

Era lente da Escola do Estado Maior, quando foi nomeado para fazer parte da divisão do general Dulce em operações no Aragão.

Esteve no bloqueio de Zaragoza, onde se distinguiu valorosamente, pelo que o governo lhe conferiu a cruz de Carlos III.

Em 1859 encontrou-se em Ceuta, tomando parte na batalha de dezembro, e no anno seguinte em Tetuan e Wad-Ras, onde foi ferido gravemente, mas continuou combatendo, o que lhe valeu ser distinguido com a cruz de S. Fernando.

Mal descançado ainda d'estas batalhas, foi, em 1862, ao Mexico, onde combateu vigorosamente.

Em 1869 pediu para ir combater em Cuba contra os revoltosos. Ali operou prodigios de valor e entre outros rasgos de coragem e denodo cita-se o de lhe ter cahido o cavallo que montava, atravessado por uma bala, mas Martinez Campos, sem perda de um momento passou para o cavallo de um soldado e continuou a bater-se á frente do seu exercito.

Este feito heroico foi coroado de bom resultado e mereceu ao valente general a distincção da commenda de Carlos III.

Tomou parte nas acções de Bayamo, em 1870, San Quintin e Rio Abajo, em que submetteu 1:500 rebeldes; das Lagunas, de Monte Grande, onde se apossou de todos os acampamentos.

Os cabecilhas Modesto Dias e Maximo Gomes foram batidos por Martinez Campos, e em Bruni, com duzentos homens, dispersou 1:800 combatentes, desalojando-os de quatro posições.

A' abdicação do rei Amadeu, seguiu-se a segunda republica em Hespanha, mas Martinez Campos não adheriu ao novo governo, pelo que foi exhonerado do commando do exercito e encerrado n'uma fortaleza.

Entretanto os Carlistas continuavam agitando o paiz, cada vez com mais forças. Foi n'esta situação que Martinez Campos se dirigiu ao generel Zagala, ministro da guerra, pedindo-lhe para, como simples soldado, ir combeter aquelles revoltosos.

O seu pedido foi deferido e Martinez Campos, não como simples soldado, mas como general, foi-lhe dado o commando do exercito norte, onde se portou com a sua costumada valentia, nas acções de Las Munecas e de Galdames; foi o primeiro que entrou em Bilbau, em março e, commandando o 3.º corpo, atacou valentemente Monte Muru, em que pereceu o general Concha.

Em seguida a estas acções, o general Serrano tomou o commando do exercito do norte e Martinez Campos, emquanto as forças invernavam, promoveu o pronunciamento de 29 de dezembro, á frente de dois batalhões, em favor da dynastia Bourbon. A causa era sympathica á Hespanha e o prestigio de Martinez Campos levou o exercito do centro a juntar-se-lhes, dando em resultando ser proclamado um governo de regencia em 31 de dezembro.

Martinez Campos não quiz valer-se da sua influencia na nova situação para assumir o primeiro logar, e antes o cedeu a Canovas del Castillo, indicando tambem o general Quezada para o commando do exercito do norte.

Foi com Jovellar combater os carlistas do centro e da Catalunha; vindo depois auxiliar Moriones e Quezada, na Navarra.

D. Affonso XII recompensou Martinez Campos, nomeando-o, em 28 de setembro de 1876 capitão general do exercito, o posto militar mais elevado da Hespanha. N'esse anno Martinez Campos tomou o commando do exercito de Cuba para submetter os revoltosos d'aquella possessão hespanhola, o que conseguiu, declarando comtudo ao governo que essa submissão não seria duravel.

No seu regresso de Cuba Martinez Campos foi convidado a formar governo em 7 de março de 1879, mas continuando as ideias conservadoras de Canovas isso levantou grande opposição, de modo que elle não poude realisar as reformas que tinha em mente com respeito ás Antilhas, o que para a Hespanha foi bem fonesto, como mais tarde se viu.

Martinez Campos deixou o poder em 7 de dezembro d'aquelle anno. Em 1881 foi ministro da guerra, do gabinete Sagasta, servindo até outubro de 1883. Em 1885, nomeado presidente do Senado e governador militar de Madrid, de que pediu a demissão d'este ultimo cargo em junho de 1888.

Os acontecimentos de Marrocos de 1893 levaram o exercito hespanhol a Melilla para castigar os marroquinos do Riff. Foi Martinez Campos o commandante d'esse exercito e que sahiu victorioso.

Depois da campanha de Melilla, seguiu-se a

campanha de Cuba, e é ainda Martinez Campos
o commandante do primeiro exercito que a Hes-
panha para ali mandou.

Esta campanha foi, como se sabe, um desastre
para o reino visinho, desastre que foi previsto
pelo valente general, o qual aconselhou o governo
hespanhol a acceder ás pretenções dos cubanos
como o melhor meio de conciliar os interesses de
ambas as partes e evitar o derramamento de san-
gue inutilmente.

Martinez Campos retirou de Cuba, mas os ge-
neraes que lhe succederam no commando do exer-
cito não foram mais felizes do que elle.

A campanha de Cuba foi um desastre para a
Hespanha, que perdeu o melhor de suas colonias.

Martinez Campos, retirado, por assim dizer da
politica, morreu em Zarauz, em 23 do corrente,
onde estava veraneando com sua familia, sucum-
bindo a uma antiga doença de bexiga.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

1883-1900

PREFACIO

Summario

Continuam-se as memorias do theatro de S. Carlos—1883-1900. -- Accentua-se cada vez mais a pobreza do archivo, do scenario e da guarda-roupa. — Como tem custado a entrar o progresso na mechanica do theatro de S. Carlos. — Obras no theatro. — A catastrophe do theatro Baquet, do Porto, incita a dotar o theatro de S. Carlos com alguns meios de segurança contra o fogo. — A tela metallica do proscenio. — Illuminação electrica; frialdade e desconforto. — Reclamações continuas do publico a este respeito sempre desprezadas — A celebre actriz Rejane tem frio e queixa-se; então o caso muda de figura. — A pachorrenta direcção das obras publicas resolve-se a aquecer a sala do theatro. — Ventilação mechanica e aquecimento artificial da caixa e sala do theatro com excellentes resultados —A electricidade no theatro de S. Carlos; sua applicação á illuminação de todo o edificio e a effeitos de scena. — O electricista Antonio Pinto Bastos Junior. — Os serviços electricos no theatro de S. Carlos em 1900. — Geradores e motores. — Dynamos. — Accumuladores. —Circuitos e instrumentos. — Illuminação da sala, corredores, tribuna real, camarins, orchestra, ribalta, gambiarras e tangões, salão de entrada, palco, exterior, etc. — Lampadas de incandescencia e arcos voltaicos. — Força motriz e potencia electrica. — Energia electrica por noite. — Custo do kilowatt. — Decadencia da arte choreographica no theatro de S. Carlos. — A arte musical; como tem custado a introduzir-se no theatro de S. Carlos a evolução iniciada por Wagner; como se não representaram ainda n'esta scena antigas operas de Mozart. — Como é difficil ser emprezario. — Emprezarios de 1883 a 1900. — Celebridades artisticas no theatro de S. Carlos. — Cantores portuguezes na Opera italiana nos ultimos annos d'este seculo. — Maestros portuguezes nos ultimos annos no theatro de S. Carlos. — Operas que, pela primeira vez, se representaram no theatro de S. Carlos nos ultimos dezesete annos.

Fazem estas memorias seguimento ás que, relativamente aos annos anteriores, e á fundação do theatro, ficaram consignadas em um livro que publiquei, em 1883, com o titulo *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa.*

Desde 1883, limite a que chega a historia do theatro n'aquella publicação, vária tem sido a sorte da primeira scena lyrica de Portugal, e sob diversos aspectos muito tem deixado a desejar.

Se no trabalho acima citado consignámos quanto era então deploravel o estado do archivo, da guarda-roupa e do scenario, do theatro, muito mais devemos hoje accentuar a nossa apreciação a tal respeito. Com effeito, n'esses ramos da arte theatral, o material pouco ou nada tem augmentado, e, em grande parte, muito se tem deteriorado. Pelo moderno processo de alugar partituras e decorações, o archivo e scenario não podem enriquecer. Em quanto ao machinismo poucos melhoramentos se tem realisado no theatro de S. Carlos; o progresso tem custado a entrar na mechanica theatral da nossa primeira scena lyrica.

Não tem faltado obras no theatro de S. Carlos n'estes ultimos annos; e, como o edificio é rijo e valente na sua solidez, dá que fazer quando se pretende, nas suas paredes, abrir janellas e portas, ou furar tuneis ou corredores, ou qualquer outro trabalho em que seja preciso mecher nas suas grossas paredes. A sonoridade tem quasi sempre perdido com isso; a linha da ribalta continúa recuada como dissémos, e esse vandalismo continúa a prejudicar a acustica do theatro.

O governo comprando o predio contiguo ao theatro do lado do sul, para o lado da rua Serpa Pinto, e levantando um novo corpo de edificio, contiguo áquelle predio, tambem ao sul do theatro, para o lado do Picadeiro, tornou possivel dotar o theatro com um grande melhoramento, obtendo largo espaço, para guardar scenario, e outras arrecadações, e varios serviços do theatro.

O terrivel incendio que, na noite de 20 de março de 1888, devorou o theatro Baquet, no Porto, fazendo mais de cem victimas, provocou da parte dos poderes publicos varias providencias para, de futuro, evitar as horriveis consequencias dos incendios nos theatros; e, dois annos depois, em 1890, além de outras precauções de segurança, foi colocada uma grande tela de ferro no proscenio do theatro de S. Carlos, para isolar, no caso de incendio, o palco scenico e caixa do theatro da sala e corredores.

A grande tela de ferro sobe toda inteira, pela acção de um motor hydraulico composto de dois elevadores ou cylindros com pistões tendo $0^{m},2$ de diametro, um de cada lado do proscenio, installados em poços de 1^{m} de diametro, excavados até 9 metros de profundidade. A agua vem de um deposito situado a 23 metros de altura. A manobra é determinada por contactos electricos que provocam o destravamento para a descida, ou a entrada da agua pondo o machinismo em movimento para a subida. Para a descida ha diversos contactos electricos colocados em pontos diversos affastados, por exemplo, no camarim do inspector, no da auctoridade, no alojamento do ponto, etc.; para a subida pode haver só um no camarim do machinista.

Recentemente, por proposta do illustre engenheiro, e previdente inspector dos incendios, Augusto Ferreira, foi determinado que, na cobertura da caixa do theatro de S. Carlos, e dos outros theatros, se estabelecessem aberturas, de facil manobra, para, no caso de incendio, dar facil e rapida saida ao fumo, afim de evitar que se produzam as terriveis correntes de fumo e chammas do palco para a sala.

Um grande melhoramento foi, n'estes ultimos annos, introduzido no theatro de S. Carlos, com a applicação da electricidade á illuminação de todo o edificio e a effeitos de scena.

Começou a illuminação electrica, depois de varias tentativas e ensaios, a funccionar com regularidade em 1886. A principio empregada na sala e tribuna real, foi depois ampliada a todo o edificio e successivamente melhorada.

Actualmente são illuminadas por lampadas de incandescencia a sala e tribuna real, em noites de gala com 471 lampadas, (podem ser com 576), a orchestra, corredores, camarins, ribalta, gambiarras e tangões, escriptorios, etc., ascendendo a 1551 o numero total das lampadas de incandescencia, exigindo ao todo uma intensidade de corrente electrica de 766 ampères.

Na illuminação do exterior do edificio, e salão de entrada, ha 6 arcos voltaicos permanentes exigindo 69 ampères de intensidade de corrente.

Para os effeitos de luar, e outros, na scena, ha 3 projectores de arcos voltaicos com espelhos parabolicos, de 12 ampères, e 2 de lanterna, de lentes, de 5 ampéres.

As correntes electricas para estes serviços são fornecidas por 4 dynamos, sendo 2 de Siemens, 1 de Edison, e 1 de Parson, podendo desenvolver, se estivessem em boas condições, uma energia electrica de 142600 watts, e uma bateria de accumuladores de 55 elementos de 600 ampères-horas de capacidade.

Para pôr em acção os dynamos ha 4 motores a vapor, sendo 2 de Marsall & Son's, 1 de Weyer & Richmond, e uma turbina ligada ao dynamo Parson, desenvolvendo ao todo 188 cavallos de potencia mechanica. Além das caldeiras pertencentes a estas machinas ha 2 geradores de vapor de Belleville.

Os geradores, machinas de vapor e dynamos estão installados na rua Serpa Pinto, defronte do theatro, em edificio pertencente ao estado, nos terrenos contiguos ao edificio do Governo civil. As correntes, saindo dos *bornes* positivos dos geradores de electricidade, dirigem-se a uma barra de cobre, e d'ahi seguem pelos diversos circuitos conductores de fio de cobre isolado, atravessando lampadas e outros receptores, e na volta passam em um quadro de distribuição, installado em uma frisa sobre o palco do lado esquerdo, atravessando os instrumentos de medida e diversos commutadores, entrando depois nos *bornes* negativos dos respectivos geradores electricos.

O material dos serviços electricos pertence ao estado; a illuminação é por conta da empreza, que paga 45$000 réis por cada recita, incluindo n'este preço a illuminação nos ensaios. Em uma noite de maior consumo de energia electrica, como succede geralmente nas recitas de gala, o custo do kilowatt não excede 110 réis, o que é um preço muito moderado. Ultimamente, em consequencia da elevação do preço do carvão de pedra, pelo aggravamento dos cam-

bios, a empreza elevou a 53$000 réis o preço da illuminação por cada recita.

Na actualidade dirige superiormente os serviços electricos do theatro de S. Carlos o habil electricista, e distincto conductor de obras publicas, Antonio Pinto Bastos Junior.

A illuminação electrica veio livrar a atmosphera da sala da viciação que produzia a combustão do gaz; além d'isso veiu evitar a grande elevação de temperatura. N'este ultimo ponto, porém, trouxe o inconveniente opposto. A temperatura não só se não elevou, mas ficou tão baixa, que passou a sentir-se frio, especialmente quando se achavam abertas algumas janellas das paredes da caixa do theatro, produzindo-se, quando se levantava o panno de bocca, correntes de ar frio insupportaveis do palco para a sala. O publico queixou-se repetidas vezes, mas ninguem fez caso d'isso durante muitos andos. Aconteceu, porém, que, em dezembro de 1899, a celebre actriz Réjane, contratada por José Pacini para dar algumas recitas no theatro de S. Carlos, sentiu-se durante as representações muito incommodada com o frio no theatro, e d'isso se queixou, reclamando contra tal desconforto. A Réjane sentia frio? Então o caso mudava de figura; é que na realidade havia frio no theatro, e a direcção de obras publicas, de ordinario morosa, d'esta vez poz-se em movimento a passo acelerado, e já no mez de janeiro de 1900 era inaugurado, com feliz exito, um processo mechanico de ventilação, e aquecimento artificial, em que o ar, injectado por uma ventoinha activada por motor electrico, era aquecido nas serpentinas de dois fogões de gaz, e lançado na atmosphera do palco e da sala; a temperatura passou a elevar-se suavemente, attingindo ás vezes 24°, sem que a insuflação do ar incommodasse os expectadores.

A arte de Therpsichore tem sempre continuado em decadencia; insignificantes as composições choreographicas; e o corpo de baile reduzido, a um pequeno numero de dançarinas.

Em quanto á arte musical é para lamentar que tenham sido precisos tantos annos para se introduzir no theatro de S. Carlos a evolução lyrica iniciada por Wagner, tendo, até ao presente, apenas sido ouvidas tres operas, *Lohengrin*, *Tannhäuser*, e *Navio phantasma*, do celebre compositor, a principio tão combatido, e hoje tão enthusiasticamente apreciado nos centros artisticos que tão adversos se lhe haviam manifestado.

Mesmo de antigas operas de merecimento, algumas ha que ainda não subiram á scena no theatro de S. Carlos; taes são: *Il flauto magico*, e *Le nozze de Figaro*, de Mozart, *Oberon*, de Weber, *Fidelio*, de Beethoven, etc.

Se nunca foi facil ser emprezario do theatro de S. Carlos, a contento do publico, a favor da arte, e com proveito proprio, mesmo no tempo em que havia subsidio, póde prever-se quantas difficuldades devem assaltar a empreza que deseje conciliar todas aquellas condições, desde que o governo suprimiu o subsidio, e o cambio se tem, por vezes, aggravado, exigindo 50 por cento, ou mais, para fazer pagamentos no estrangeiro.

Ha mesmo difficuldades que se tornam insuperaveis para uma empreza particular; taes são, por exemplo, as que dizem respeito á restauração e acquisição de material, machinas, decorações, etc., necessarias para a scena em um theatro moderno.

Uma das condições que, sempre, se tem mostrado ser mais vantajosa para um em-

VISTA EXTERIOR DO REAL THEATRO DE S. CARLOS EM 1893

prezario, é que este não tenha que perder.

Em seguida vão os nomes dos que teem tido a empreza do theatro de S. Carlos n'estes ltimos annos:

EMPREZARIOS
DO REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA
DE 1883 A 1900

Freitas Brito & C.ª, até 17 de novembro, 1883.

O governo, representado pelo Commissario regio Antonio de Campos Valdez, desde 17 de novembro de 1883 até 31 de janeiro de 1884.

Mattos e Valdez, 1884-1889.

Augusto Fuschini e Augusto Machado, como administradores da empreza do fallecido Antonio de Campos Valdez, 1889-1892.

Freitas Brito & C.ta, 1892-1897

José Pacini & C.ta, 1897-1900.

O que tem abrilhantado o theatro de S. Carlos, nestes ultimos annos, é a pleiade de celebridades artisticas, que successivamente ali tem passado, como Patti, Sembrich, Dévriés, Van-Zandt, Pacini, Pozzoni, Theodorini, Tretrazzini, Darclée, Arkel, Bellincioni, Gayarre, Masini, Tamagno, Delmas, Marconi, De-Lucia, Maurel, Kaschmann, Francisco Andrade, Nannetti, etc., etc.

Como symptoma animador, e que nos é agradavel consignar aqui, relativamente ao culto da opera lyrica pelos nossos compatriotas, recordaremos, registando nesta chronica, que nos ultimos annos subiram á scena algumas composições musicaes de merecimento, de maestros portuguezes, e que tambem alguns cantores portuguezes teem percorrido os theatros lyricos da Europa e da America.

Temos noticia dos seguintes: damas: Regina Pacini, Maria Judice da Costa, Augusta Cruz, Joaquina Fernandes, Maria de Castro Pereira, Sophia de Mello e Castro, Mary de Arneiro, e Mathilde Marcello; tenores: Antonio Andrade, Alvaro Roquette, Joaquim Tavares e Gaspar do Nascimento; barytonos: Francisco Andrade, D. Francisco de Sousa Coutinho, Carlos Lopes, J. Bensaude e D. Manuel de Noronha; baixos: Faustino Roza, Joaquim Ottolini da Veiga, etc.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

SALA DE ESPECTACULO DO REAL THEATRO DE S. CARLOS

QUESTÕES SOCIAES

(Regimen de escravos)

A escravidão é um facto positivo na historia da humanidade, remontando a um periodo tão distante do nosso tempo que não podemos determinar-lhe o ponto inicial.

Não resta duvida alguma sobre a existencia de escravos entre os egypcios, assyrios, babylonios, médos, persas e outros povos da alta antiguidade oriental e de civilisação mais ou menos conhecida.

Gregos e romanos mantiveram no seu seio semelhante creação da má indole do homem que assim converteu em objecto de uso e de abuso o seu proprio egual. Embora a philosophia das escolas da Hellade haja levantado muitissimo os conceitos moraes e feito transparecer nas almas qualquer coisa de melhor antecipando o futuro religioso das gerações, comtudo, nem Aristoteles, nem Platão, nem Socrates viram nos escravos seres dignos de classificação na escala da vida racional. Ao transictar do mundo governado pelos Cyro e os Cambyzes para as terras da Europa

m cujo horisonte brilhou um sol sem occaso na ivilisação das gentes, tambem não são grandissimas as differenças que se notam no tocante ao escravo.

Não é do mesmo grau de intensidade cortante e opprobriosa o regimen que o esmaga, entretanto, a embriaguez da gloria e os desvairamentos do delirio acarretam-lhe ainda tempestades dolorosas de vergonha e situações forçadas que chegam a pôr em duvida o seu sexo.

Uma phrase d'um notavel na celebridade ensina-nos como se pensava em Roma a respeito dos escravos: «Os nossos escravos são os nossos inimigos!»

Era Catão quem dizia isto e os soffrimentos de que elles fôram as victimas inermes na grande patria onde vibrou a palavra d'um Cicero e foi escutada a linguagem d'um Seneca, cresceram a tal requinte estupendo de barbaridade, que Nero, o cruel histrião, que sentia delicias diante da cidade em chammas, encontrando arreganho para cantar, Nero apiedou-se dos miseraveis do ergastulo da escravidão, interpondo em meio dos senhores e dos escravos o ministerio d'um magistrado cujo officio consistia em recolher as *queixas* d'estes contra os *excessos* de aquelles!

Mas já então o Christianismo rompera sobre a terra no explendor da alvorada de emancipação, e os mesmos imperadores pagãos que ordenavam perseguições contra os proselytos da doutrina de Jesus, eram sem o sentir tomados de sympathia pela belleza moral que n'ella se continha.

Disse um illustre escriptor portuguez, já fallecido, D. Antonio da Costa, a proposito de S. Paulo: «Poucas linhas resumem a sua doutrina de civilisação universal» e, com effeito, assim é.

«A terra inteira, proclama o grande apostolo dos gentios, é habitada por uma familia de irmãos, filhos do mesmo Deus, e regidos pela mesma lei moral. Ao odio das nações, succede o amor da humanidade. Diante de Deus todos os homens são eguaes; não formam senão um só corpo, não havendo mais gregos, judeus, barbaros, gentios, livres, escravos, homens, nem mulheres, porque não são todos senão um em Jesus Christo.»

Não fizera restricções no seu ensinamento o supposto revolucionario condemnado á morte no tribunal de Pilatos: depois de determinar aos seus discipulos que se dirigissem a todas as gentes, testara-lhes tambem como herança dilecta uma recommendação de amor universal.

E o espectaculo de constancia na harmonia do seu viver e no empenho de levar ao longe a luz da verdade, não podia ficar esteril em face d'uma sociedade corrupta e decadente, em que os espiritos sensatos e esclerecidos anhelavam por uma mudança de orientação que satisfizesse as consciencias.

Constantino, condoendo-se da triste sorte dos escravos, soube reflectir nos seus regulamentos humanitarios a transformação ethica por que vinham passando os dirigentes do cesarismo, desde que a religião do Crucificado havia penetrado no interior da capital romana.

Foi elle quem declarou official a crença dos christãos, e quem respondeu ao brado de indignação dos miseros da gargalheira por este modo positivo e claro:

«Que cada senhor use do seu direito com moderação, e que seja considerado como homicida se matar voluntariamente o seu escravo ás pauladas ou ás pedradas; se lhe fizer com um dardo uma ferida mortal; se o suspender em um laço; se por uma ordem cruel o expozer a morrer; se o envenenar; se o collocar em circumstancias de o corpo lhe ser dilacerado pelas garras das féras; se lhe lavrar os membros com brazas, etc.»

Por aqui se pode ajuizar, sem perigo de erro ou de exaggero, a qualidade dos tratos infligidos aos pobres entes, relativamente aos quaes já houvera o desenfado de formular esta pergunta irritante:

«Pois os escravos são gente?!»

A escravidão, porém, continuou a alastrar-se pelo mundo, manchando indelevelmente as nações que a admittem.

Era evidentemente em revolta contra semelhante facto espantoso, que S. João Chrysosto exclamava:

«Vejo as leis humanas estabelecerem differença entre a raça livre e a escrava. Não conhece esta differença a lei de Deus.»

E, S. Gregorio, por seu turno legava á posteridade esta pagina formosissima e de rigorosa logica:

«Escravo! esta palavra ataca directamente o Creador.

Condemnando á escravidão o homem que por natureza é livre, destruis a lei natural.

Por quanto dinheiro comprastes os escravos? Quantos obulos déstes pela imagem de Deus? A vossa origem é identica; dissimilham-se porventura em alguma cousa o escravo e o senhor? Não respiram o mesmo ar? Não contemplam o mesmo sol? Não ficarão reduzidos a pó do mesmo modo? Não serão julgados pelo mesmo Deus?

Vós, homens livres, não vos differençaes do vosso escravo senão no simples nome.

Que titulo de superioridade invocaes para vos julgardes senhor d'elle?

Se não sois senão homem, como podeis intitular-vos senhor de outro homem?»

Não pode a philosophia vasar-se em moldes mais perfeitos no tocante ao acerto da linguagem, á concisão do estylo, e sobretudo ao irrefutavel do argumento.

Nenhum homem honesto, dotado de intelligencia lucida, ousará sustentar que é licita a escravidão.

Apesar de todos os congressos abolicionistas, de toda a boa vontade de individuos dedicados á santa causa da justiça, importa ainda n'este fim do seculo XIX, que muitos estadistas procurem emitar o rasgo fecundo do presidente Lincoln e da regencia brazileira no ex imperio de Pedro II.

Cumpre que os governos que se inculcam civilisados e se apregoam generosos, tenham a hombridade preclara de o saber ser completa e inteiramente.

Proletarios e burguezes, colonos e habitantes de metropole, pouco lucram de situação, se não reina entre uns e outros uma linha de conducta que torne impossivel a exploração torpe e a sabujice degradante.

Tal ordem de realidade, é mera escravatura mascarada n'um subterfugio de designação differente.

E' banal todo o programma de alta politica, que não mira com franqueza e lealdade interpretar em regras precisas de execução immediata os genuinos sentimentos de dignidade inherentes á especie humana por caracter essencial.

O espectro das revoluções não se afugenta com futilidades, nem se removem obstaculos com simples invenções penaes, é mister fazer restituições amplas a quem se vê espoliado e estabelecer as hormonias sociaes mediante um equilibrio palpavel entre direitos e deveres.

Só por este processo se antecipam as glorias realissimas do progresso e se preparam com segurança infallivel as extincções do odio.

Escravidão e escravatura, hão de por força triumphar dos interesses ignobeis e do orgulho insolente: em ultimo caso, a multidão anonyma, resistindo finalmente a todo o emprego egoista de sizanias malignas, saberá applicar por suas proprias mãos a letra deveras tremenda d'aquella sentença solemne e angustiosa:

«Pereça o mundo mas cumpra-se a justiça.»

D. Francisco de Noronha.

Commemoração da batalha do Bussaco

(Concluido do n.º antecedente)

O 6 corpo formava á direita sobre a estrada, que conduz ao convento do Bussaco. O 8 corpo formava o centro e a reserva. O 2 corpo a esquerda sobre a estrada de Sancto Antonio do Cantaro, e a cavallaria, que era nulla em razão do terreno, tomou posição na retaguarda do centro da linha. Ao romper do dia começou o ataque na direita pelas divisões, Loison e Merme, que foi ferido: o terreno foi disputado passo a passo, por alguns batalhões portuguezes, vestidos de pardo, e algumas tropas inglezas: porém a força das columnas francezas obrigou estas tropas a retirar-se para o alto da montanha, aonde estava a linha de batalha dos alliados. No meio d'esta montanha ha uma pequena aldêa aonde os dictos batalhões alliados se fortificaram e *defenderam heroicamente por mais de tres quartos de hora contra toda a força inimiga, que soffreu uma perda muito consideravel, até que vencidos pelo numero superior largaram esta posição e continuaram (disputando o terreno) a retirar-se até que se reuniram á sua linha. Esta com um sangue frio e firmeza dignos de admiração esperou o inimigo até á distancia de cincoenta passos para começar um fogo de balas tão bem sustentado, que (juncto com a metralha da sua artilheria), n'um momento as duas columnas francezas foram desordenadas, e postas em completa derrota, e sem perder um momento fizeram meia volta, e desceram a montanha mais depressa do que a tinham subido, abandonando os seus feridos entre os quaes estava o general Simon.* Chegadas que foram ao fundo da montanha, as columnas francezas se reuniram, e tomaram posição a coberto do fogo dos alliados, (que tinham de novo mamdado os atiradores em seguimento) aonde esperaram o resultado do ataque, que o 2 corpo fazia ao mesmo tempo na esquerda. Este ataque foi mais sério, pois que o general Regnier carregou com todas as suas forças. A montanha n'este sitio tem um contraforte, o qual depois de uma longa disputa foi tomado, e continuando os francezes o ataque para vencerem de todo a posição, *acharam tal resistencia, que depois de perderem o general Graindorge, e alli sómente mais de 1:500 soldados mortos, e 3:000 feridos, cederam ao valor das tropas alliadas, que com uma pequena perda inutilisaram a violencia do ataque dos francezes.* Vendo então Massena que não podia realizar a sua profecia convocou Ney, Regnier, Junot e Freirion para deliberarem o que se devia fazer, e foi decidido que se torneasse a posição. Foram então chamados os officiaes superiores portuguezes, para indicarem o caminho que se devia seguir; e como dissessem que o não sabiam, Massena partiu com elles de uma maneira assás forte e desagradavel, e mandou chamar o general Montbrun para lhe ordenar de ir com um forte destacamento descobrir um caminho, e que mandasse o general St. Croix e o general Lamote, cada um para seu lado, encrregados da mesma commissão, e em quanto não tinha resposta ordenou aos caçadores, que entretivessem os alliados *tiralhando.* Passou-se o dia 27, e o 28 até ás tres horas sem haver uma resposta da commissão dada aos tres generaes, até que St. Croix chegou, tendo descoberto caminho que vai por Boi-alvo.

Deram-se logo ordens para a execução do movimento, ao qual se deu principio pela uma hora da madrugada do dia 29 [1].»

Wellington, percebendo o movimento do exercito francez, operou logo uma bem ordenada retirada, para evitar que elle lhe tomasse o passo, e dirigiu-se para as formidaveis linhas de Torres Vedras, barreira invencivel diante da qual o inimigo estacou estupefacto, vendo impotentes todos os seus esforços.

Na batalha do Bussaco houveram-se os nossos soldados com a maior galhardia e heroismo. Apezar de quasi todos recrutas e imberbes, mostraram-se possuidos de notavel valor, firmeza e disciplina, rivalisando com as tropas inglezas, segundo o testemunho insuspeito do proprio Wellington e do marechal Beresford, que em suas participações officiaes exaltam o seu comportamento e lhes tributam subidos elogios.

Calcula-se que na batalha do Bussaco as perdas das tropas anglo-lusas foram de 1:250 homens, e que as do inimigo se elevaram a perto de 4:500.

Os resultados porém que da batalha do Bussaco provieram ás tropas de Napoleão fizeram-se lhes sentir, mais que no desfalque das suas fileiras, n'uma perda mais importante e irreparavel: a visivel e profunda quebra da sua força moral. Desde então o astro de gloria, que brilhara fulgurante ao moderno Cesar, começou a declinar, até que de todo se eclipsou.

Fallando da batalha do Bussaco, diz o sr. Joaquim da Costa Cascaes que ella fôra a aurora resplandecente dos feitos de armas praticados pelo nosso exercito desde 1811 a 1814; e que foi alli pela primeira vez, e com tamanha honra, nos desforçámos do immerecido desprezo, com que os nossos alliados nos haviam tractado na celebre convenção, vulgarmente chamada de Cintra. Aqui a desconsideração; alli, *n'essa outra Cintra, não menos decantada e pittoresca,* a rehabilitação.

O sr. Joaquim da Costa Cascaes, a quem o governo incumbiu em tempo de escrever a historia da guerra dos francezes em Portugal, lembrou em 1862 ao ministro da guerra, o sr. Visconde de Sá da Bandeira, a conveniencia de se erigir na serra do Bussaco um singelo padrão, que, commemorando a brilhante acção que alli se deu, servisse tambem de monumento dos feitos de armas, em que os portuguezes mostraram o seu heroismo, e adquiriram maior gloria durante a longa e profiada campanha peninsular. A idéa do sr. Cascaes foi abraçada pelo ministro, que logo ordenou se pozesse em execução. Mudanças ministeriaes fizeram por vezes parar os trabalhos do monumento, que só se chegou a concluir em 1873.

Está collocado a distancia quasi egual da porta da Rainha e da porta de Sulla, no meio de um terrapleno, que para o lado da vertente da serra se estriba em um muro com seu parapeito, que ao longe semelha as ameias de um castello.

O padrão é de construcção singela: compõe-se

[1] *Relação* citada na nota de pag. 154.

de uma pyramide quadrangular, feita de uma só pedra de seis metros de altura, firmada sobre um pedestal de quatro faces, e este sobre base de dois degráus. A pyramide é encimada por uma estrella de crystal, de oito raios facetados, fundida na fabrica da Marinha Grande. Mede todo o monumento quinze metros e meio de altura.

Em volta algumas peças de artilheria, cravadas no solo com a bocca para baixo, e ligadas umas ás outras por uma corrente de ferro, servem de resguardo ao monumento [1].

Pouco distante está a capella das Almas do Encarnadouro, que por occasião da batalha serviu de hospital de sangue, e que até ha poucos annos se conservava em ruinas. Esta capella foi reparada por ordem do governo. E' por assim dizer uma parte complementar do monumento.

Augusto Mendes Simões de Castro.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

Foi a primeira vez que vi um exercito derrotado. O espectaculo apresentou-me todos os attractivos d'uma primeira representação. O céu não me escutára os rogos. Os soldados gregos haviam-se defendido com tal desespero, que o combate durára até á noite. Formando quadrado em redor das duas mulas que levavam a caixa, responderam com fogo regular aos atiradores de Hadgi-Stravos. O velho Pallicaro, vendo que lhe não era possivel derrubar, um a um, cento e vinte homens pouco dispostos a recuar, atacou-os á arma branca. O sangue de que vinha coberto bem mostrava as proezas que fizera. Mas a baioneta obrára prodigios. As tropas haviam morto quatorze salteadores, incluindo um cão. Uma balla puzera ponto na carreira do joven Spiro, um rapaz de tanto futuro! Assisti á chegada d'uns sessenta homens arrasados, cheios de pó e de sangue, contusos e feridos. Sophocles com uma bala n'um braço, vinha ás costas d'um companheiro. O Corfiote e outros tinham ficado pelo caminho, com os pastores nas aldeias, ou sobre algum rochedo á beira da estrada.

Da quadrilha vinham todos cabisbaixos e desanimados. Alguns ouvi resmungarem contra a imprudencia do Rei, que por uma quantia miseravel assim expusera a vida dos companheiros.

O mais válido, o mais contente, o menos cançado era o Rei. Lia-se-lhe no rosto a orgulhosa satisfação do dever cumprido.

Estendeu-me a mão cordealmente:

— Querido prisioneiro, disse-me, aqui tem um Rei bem mal tratado. Aquelles diabos não quizeram largar a caixa. Era dinheiro d'elles. Por dinheiro d'outros não se deixavam elles assim matar. Perdi quatorze combatentes, sem falar nos feridos sem cura. Deixal-o. Bati-me bem. Aquelles diabos eram muitos e traziam baionetas. Se não fosse isso... Mas o combate deu-me saude. Ficou provado que ainda tenho sangue nas veias.

Cantarolou o primeiro verso da sua canção favorita, e continuou:

— É mais um episodio para a minha historia. Onde diabo está o Pericles?

O lindo capitão ainda estava a dormir; mas não ha nada para acordar um homem como é um copo d'agua fria ou uma noticia má. Quando soube que o Spirosinho e mais dois soldados da policia tinham ficado no campo, poz-se a gritar:

— Estou perdido! Como explicar a presença d'elles entre os salteadores e até como salteadores paramentados! Devem de ter sido reconhecidos pelos que ficaram senhores do campo. Direi que haviam desertado? que haviam aqui sido feito prisioneiros? Estava á tua espera para fazer o meu relatorio. Ainda hontem á noite escrevi que te estava cercando e que toda a minha gente era admiravel. Que irá toda a gente dizer no baile da côrte? Todo o corpo diplomatico falará de mim. Ha de reunir-se o conselho... Talvez nem eu seja convidado.

— Para o conselho? perguntou Hadgi-Stavros.

— Não; para o baile.

— Dançarino!

— O que isto póde dar de si! Se fosse só das inglezas que se tratasse, contava tudo ao ministro da guerra. Inglezas não faltam. Mas emprestar soldados para atacar a caixa do exercito!... Mandar o Spiro contra as tropas de linha! Vou ser apontado a dedo e nunca mais torno a dançar!

Quem é que estregava as mãos durante este monologo? Era o filho de meu pae entre os seus quatro soldados.

Hadgi-Stavros, pacatamente sentado, saboreava golinhos de café.

— Com pouco te atrapalhas, disse ao afilhado. Deixa-te ficar comnosco. Não ganhas menos de dez mil francos por anno e assenta praça aos teus homens Juntos tomaremos a desforra.

O offerecimento era para seduzir Dois dias mais cedo teriam sido unanimes os suffragios. Mas os soldados calavam-se; olhavam para os antigos companheiros, para os ferimentos do Sophocles e depois abriam as ventas para o lado de Athenas, como para melhor cheirarem os aromas succulentos da caserna.

O sr. Pericles respondeu com atrapalhação visivel:

— Obrigado; mas preciso reflectir. Estou costumado á cidade, tenho pouca saude... Os invernos devem aqui ser terriveis. Olha, já estou constipado. Em todas as reuniões seria notada a minha ausencia. Teem-se me deparado uns casamentos menos máos... E d'ahi talvez que o mal não seja tamanho... Os tres desastrados talvez não fossem reconhecidos... Trata dos teus feridos. Adeus.

E fez signal ao tambor que se poz a rufar.

— Ora aqui tem, senhor, disse-me Hadgi-Stavros, um grego d'hoje! Eu sou grego velho! E dizem os jornaes que vamos progredindo!

Dois minutos depois estava eu defronte da barraca de Mary-Ann.

Mãe e filha acordaram de sobresalto.

— Partimos? perguntou M.ess Simons.

— Não, minha senhora. Longe d'isso.

— O capitão deu-me a sua palavra que esta manhã...

— Que tal acha o capitão?

— Delicado, elegante, encantador! Escravo da disciplina, é seu unico defeito.

— Patife e malandro, cobarde e impostor, mentiroso e ladrão, aqui tem o que elle é e posso provar-lh'o.

— O que lhe fez a policia, senhor?

— O que me fez? Venha comigo até ao alto da escada.

M.ess Simons chegou mesmo a tempo para ver a policia desfilando de tambor á frente, os ladrões installados e o capitão e o Rei dando o beijo da despedida.

A surpreza foi grande e M.ess Simons desmaiou. Levei-a até á fonte; Mary-Ann deu lhe palmadas nas mãos; eu deitei-lhe agua na cara. Mas o que a fez voltar a si foi o desespero.

— Miseravel! gritou.

— Roubou-as, não é verdade? Levou-lhes os relogios e o dinheiro?

— Isso é o menos. O peor foi o aperto de mão que lhe dei. Sou ingleza, não aperto a mão a toda a gente.

Suspirei profundamente.

As iras de M.ess Simons cahiram sobre mim.

— A culpa foi toda sua.

— Eu bem a avisei de que não havia contar com a policia.

— Sim, mas fel-o arrastadamente, pesadamente, fleugmaticamente. Era lá coisa que se acreditasse!

— Disse o que sabia, fiz o que podia.

— Bem se vê que é allemão! Se o senhor fosse inglez tinha morrido em nossa defeza e eu davalhe a mão da minha filha!

Ouvindo a exclamação de M.ess Simons, senti uma tal perturbação que não me atrevia a levantar os olhos, nem a responder, nem a perguntar á querida senhora o que queria dizer com taes palavras. Como era possivel que uma tão altiva criatura assim falasse na minha presença e na de sua filha? Por onde penetrára em seu espirito aquella idéa de casamento? Pois seria M.ess Simons mulher que assim cedesse a filha, como honesta recompensa, ao primeiro libertador que apparecesse? Era lá possivel... ! Não seria antes sangrenta ironia dirigida aos meus mais secretos pensamentos?

Entretanto, observando-me a mim mesmo, sentia um legitimo orgulho vendo a tibieza innocente dos meus sentimentos. O fogo das paixões não augmentou nem d'um só grão a temperatura do meu coração. A cada instante do dia, para me examinar, punha-me a pensar em Mary-Ann. Imaginava casos tão fantasticos como o da princeza Ypsoff com o tenente Reynaldo. Imaginava ver a linda ingleza sentada á minha direita n'uma carruagem de posta, passando o seu formosissimo braço em volta do meu pesço. Tão lisongeiras hypotheses, que decerto agitariam uma alma menos philosopha do que a minha, não me perturbavam a serenidade. Logo não amava Mary-Ann.

Mas M.ess Simons, que não lêra na minh'alma, era muito capaz de enganar-se com respeito á natureza da minha dedicação. Talvez me suppuzesse apaixonado pela filha, tendo mal interpretado a minha perturbação e timidez, e quizera com essa palavra — casamento — ver se me eu trahia.

Respondi-lhe com voz firme, sem comtudo me atrever a encaral a:

— Minha senhora, se tão feliz fosse que pudesse arrancal-as d'aqui, não era decerto para casar com a senhora sua filha.

— E porque não? perguntou ella toda escandalisada. Essa não é má! Não será bonita, rica, de muito boa familia? Eduquei-a mal talvez! Que tem que dizer? Casar com M.iss Simons seria o sonho de muitos e dos mais difficeis com elle se contentavam.

(Continua).

SCIENCIA MODERNA

XVII

ROTAÇÃO DO PLANETA VENUS

Todos os planetas teem, do mesmo modo que a Terra, um movimento de rotação em torno do seu eixo e um movimento de translação á roda do sol. Com relação á Terra sabe-se o espaço de tempo que esta emprega em effectuar qualquer d'estes movimentos, mas a sciencia até hoje não nos indica com precisão para qualquer dos outros planetas, o tempo por elles empregado em effectuar esses mesmos movimentos.

Ultimamente, a attenção dos astronomos temse fixado sobre o planeta Venus, para o calculo d'este tempo.

O problema proposto é o seguinte: Quanto tempo leva o planeta Venus a fazer uma rotação em torno do seu eixo? Antes de 1890, parecia terse resolvido este ponto e todos eram levados a affirmar que a rotação se effectuava n'um espaço de tempo egual ao espaço de tempo que a terra emprega em fazer o mesmo movimento, isto é em vinte e quatro horas, o que constitue o espaço de um dia, resultando d'ahi que os astronomos consideravam o dia, em Venus, com uma duração perfeitamente egual ao dia, na terra.

N'esse anno, porém, o illustre astronomo milanez Schiaparelli contestou tudo o que até então se affirmava a este respeito. Declarava este mesmo senhor que, em virtude de experiencias a que anteriormente procedera, a rotação do planeta Venus em torno do seu eixo era feita, não no espaço de tempo que até então todos julgavam, mas sim no espaço de tempo de duzentos e vinte cinco dias, tempo egual ao que este planeta empregava para effectuar o seu movimento de translação á roda do sol, d'onde se deprehendia que um dia, em Venus era egual a duzentos e vinte cinco dias terrestres ou seja um anno em Venus, e perto de oito mezes na terra. Este facto surprehendeu quazi todos e ninguem, embora o alto credito que devia merecer o nome de Schiaparelli, se poude conformar com essa opinião. A discussão persistiu ainda e hoje parece ter-se chegado á conclusão de que o illustre astronomo milanez elaborava n'um erro.

O senhor Belopolsky dedicando-se tambem ao estudo de assumptos d'esta mesma especie, tentou desvendar este segredo, e em virtude das suas experiencias chegou a um resultado que muito se approxima d'aquillo que anteriormente se suppunha e que combate por completo o resultado a que chegára o senhor Schiaparelli. Serviu-se para as suas experiencias de um enorme equatorial munido de espectroscopio e por meio do desvio que os raios espectraes soffreram, se o diametro do Venus fôr effectivamente como se suppõe de 12:700 kilometros, a rotação de Venus, segundo Belopolsky e como conclusão dos seus calculos, deverá effectuar-se em vinte e duas horas e um minuto. E' esta a opinião que ainda hoje prevalece e d'onde facilmente se conclue que a rotação do planeta Venus é muito approximadamente a rotação da terra.

XVIII

CONTRA O ENJÔO DO MAR

Todos mais ou menos sabem o que vem a ser este incommodo tão frequente nas pessoas pouco habituadas ás viagens por mar. Não constitue, co-

[1] Noticia mais minuciosa da historia do monumento, escripta pelo sr. Cascaes, póde lêr-se no *Diario Illustrado*, n.º 484, de 14 de dezembro de 1873.

mo se sabe, uma doença mas sim um mal estar, devido ás oscillações continuas do meio de transporte maritimo.

Até hoje tem-se procurado por todos os meios encontrar uma fórma de remediar esse incommodo que muitas vezes tem occasionado a morte de muitos individuos, porque é tal o estado de fraqueza a que se chega quando se acha atacado do *mal de mer* que muitas vezes não se resiste, principalmente, se a constituição d'esse individuo fôr fraca. Felizmente os casos fataes são poucos, comtudo é bom evital-os de futuro.

Manifesta-se este mal por uns vomitos acompanhados muitas vezes de fortes dôres de cabeça, atacando sobretudo as fontes e por um estado geral de abatimento que diminue a força nas pernas, não permittindo andar com facilidade.

O dr. Poussié parece ter encontrado um elixir que combate energicamente esse mal. Todas as experiencias feitas por este distincto clinico com o seu elixir tem dado um resultado superior a toda a espectativa, o que faz prevêr que de futuro o dr. Puissié obterá um enorme exito do seu composto.

A formula d'este composto, segundo a pharmacopeia franceza é a seguinte:

Extracto de opio secco....	3 gram.
Acido benzoico...........	3 »
Camphora................	2 »
Essencia d'aniz,...........	2 »
Alcool a 60°..............	600 »

O liquido tem um sabor aromatico, não desagradavel em virtude da essencia d'aniz destruir completamente o sabor amargo, caracteristico da camphora.

Gosa este liquido da propriedade de evitar as gastro-enterites, molestia proveniente quasi sempre de indigestões.

Como a percentagem em opio é minima, os adultos poderão ingerir, sem os prejudicar, até duas colheres de cha d'este liquido durante vinte e quatro horas, uma ao almoço e a segunda ao jantar.

Este medicamento opera rapidamente, calma as azias do estomago, suspende quasi que instantaneamente os vomitos e além d'isso apresenta a vantagem de não originar, o que em geral succede com qualquer outra preparação narcotica, as nauseas.

12-9-900. *Antonio A. S. Machado.*

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO BUSSACO

O MONUMENTO COMMEMORATIVO

BIBLIOGRAPHIA

Arreboes *(Versos da minha natureza) por Albano Simões Ferreira 1899. Empresa d'O Ideal da Bairrada. Anadia, 1 vol. de 125 pag. com o retrato do auctor.*

*

Eu tinha já renunciado ao convivio das letras. — Desde que me convenci que melhor vae n'este mundo a quem fôr tolo — quando o livro *Arreboes*, de Simões Ferreira, veio surprehender-me.

Um livro, e de mais a mais de versos, não vinha por certo em apropositada conjunctura; a poesia, sem embargo de ser o que é — a sublime arte de todos os tempos e entre todas a mais expressiva — mal poderia frisar com o estado assaz doloroso do meu espirito.

E, todavia, li os *Arreboes* de uma assentada, isto é, sem intermittencias, como é indispensavel para melhor se fazer ideia de um livro.

Não dei por mal empregado o tempo e confesso até que me fez bem a leitura.

O livro de Simões Ferreira é uma serie de poesias, ligadas entre si pelo mesmo traço de união — a psichologia intima da alma do poeta — e constitue, por assim dizer, um poema de amor. As suas magôas ou as suas alegrias, predominando todavia aquellas sobre estas (talvez magôas fingidas, mais apparentes do que reaes e só existentes na imaginação do auctor), constituem a quasi chamma unica do seu éstro: o poeta só descanta os seus amores.

Simões Ferreira desfere um pouco a lyra dos provençaes; a sua poesia vem ainda levemente impregnada de romantismo; canta o amor, a mulher, o eterno feminino; e o seu livro respira alguma coisa de vago e impalpavel, como um sonho.

O auctor que é — creio eu — um moço, pensa (dil-o elle a paginas 80) que «a amar, a vida é bella» e d'esse amor, um pouco platonico, ideal e ethereo, porque, quanto a mim, aquellas composições *Levantina*, *Afurorina*, *Lirial santissima*, e outras analogas, não teve talvez objectivo real na vida do poeta, fez elle o livro, em que poz todos os effluvios do seu coração e todos os affectos da sua alma.

Simões Ferreira, que eu tinha por um espirito positivo e pratico, sahe-me, afinal, um lyrico; despresa, é certo, os velhos moldes, e procura, pelo menos quanto á forma, seguir na esteira dos poetas da melhor roda contemporanea; mas a feição predominante, a caracteristica da sua poesia, lá está, e não é a metrificação que a faz variar de classificação, ou, tanto monta, de escola.

Ora, o lyrismo, embora para ahi se diga o contrario, ainda não morreu nem morrerá jámais, porque o lyrismo, em toda a sua puresa e simplicidade, é bello, e o bello é eterno; mas a poesia lyrica é, incontestavelmente, um genero difficil, tanto mais que entre nós — apesar da bellesa e suavidade da lingua — só n'elle prelusiram genios como Camões, João de Deus, Simões Dias, e poucos mais poetas d'este porte.

Conseguiria, por ventura o auctor dos *Arrebôes* sahir-se d'esta dificuldade?

Para a critica ser justa e sincera, devo diser que não, ou, n'outros termos, que o auctor torneou o melhor que poude a difficuldade, mas não conseguiu vencel-a.

A lyrica de Simões Ferreira, cantando os seus amores ideaes, isto é, as imagens que lhe povoam a alma de poeta, rasteja um assumpto por demais tractado e conhecido, emboara expressivo pela delicadesa do sentimento; assumpto que tem a candidez das açucenas e a alvura virginal dos lirios, mas que não impressina nem commove, salvo quando cae na mão de um artista, como o auctor do *Campo de Flores;* porque lhe falta, se assim me posso exprimir, a concepção philosophica, que falla ao pensamento do sabio ou do instruido e a instrucção psychologica da alma humana, que, dando á forma a bellesa suggestiva, arrasta comsigo o espirito das multidões.

Como obra d'arte, o livro de Simõe Ferreira, sem embargo das bellesas que encerra, não deixa no espirito do leitor uma impressão assaz profunda.

O homem, em geral, ou é alegre ou triste, e a forma artistica destinada a suggerir-lhe impressões deve necessariamente corresponder a algum d'esses estados do espirito.

Para que uma obra possa commover ou impressionar, é mister seguir um d'estes processos: ou entrar nos dominios da elegia e fazer chorar ou degenerar em farça e faser rir.

Quanto á madrigaes e dithyrambos são melodias destoantes ao ouvido do publico, assaz corroido de realismo cru e outras coisas egualmente cruas e mal cerzidas.

Serão então, os *Arreboes* um mau livro?

Longe d'isso, são um livro de versos magnificos, com relevo de forma, euphemismos delicados e pontuaes na contagem das syllabas.

A paginas 10, por exemplo, n'um arroubo amoroso, diz o auctor:

«Não sei quem diz p'ra mim que amar é crêr na vida
É ter fé n'uma estrella e andar á roda d'ella»

....

Ás vezes ha quem diga aos desgraçados cousas
Só para os animar e pôr de bem comsigo;
Mas Deus não mente nunca e eu creio tanto n'elle
Como em que elle ha de ser o meu maior amigo.»

A paginas 47 aquella poesia intitulada *Arpejo*, tercettos formosissimos como este:

«O mar, minha querida, ao ver a branca areia,
Tem grandes tentações irresistiveis, loucas,
De lhe lançar ao collo os braços de sereia...»

A paginas 33 e 34 *O beijo de Camões*, um bello soneto glosando aquelle conhecido e formoso verso *«Alma minha gentil que te partiste!»* E ainda a paginas 65 aquella *Aguarella*, parelhas magnificas, que fazem lembrar, se não pela elevação do pensamento, ao menos pela belleza da forma, a *Lagrima*, de Guerra Junqueiro.

Depois ainda a *Nevrose* (pagina 71) em que o auctor exclama:

«Mulher! Eu tenho raiva a tudo quanto seja
Mentira e hypocrisia ..»

Estes versos são uma revelação ou antes uma photographia: ali está uma alma franca e aberta a todos os sentimentos bons e generosos.

O auctor, bom e ingenuo, tem a franqueza de dizer em voz alta o que muitos — a maior parte refinadamente hypocrita — só diria baixinho ou em cartas de namoro. Santa ingenuidade a dos vinte annos!

Quando essa crise passar — e creio que passará em breve — é natural que Simões Ferreira nos dê mais e melhores composições poeticas, pois que para isso lhe sobra talento, se não preferir guardar aquelle preceito de Horacio, que aconselhava os poetas a engavetarem os seus productos por uns tantos annos, antes de os mandarem á praça.

Entretanto, apraz-me felicitar o auctor dos *Arreboes*, que, sem embargo da critica, são todavia um bom livro salutar e sincero.

Tondella 1-8-900.

Eduardo Duarte.